

MESA 1 PESQUISA E INOVAÇÃO: QUESTÕES EMERGENTES

Relator: Prof. Dr. Marcio Cotrim (UFPB)

Políticas de pesquisa e inovação que incorporem a dimensão transdisciplinar do conhecimento, a partir de investimentos múltiplos (públicos e privados), com ênfase em questões emergentes que envolvem as especificidades das áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

A mesa *Pesquisa e Inovação: questões emergentes* foi, após a mesa de abertura, a primeira a ocorrer dentro do 4º SENAU e contou com a participação dos professores/pesquisadores, Heloísa Buarque de Holanda (UFRJ) e Luciano Mendes (UFMG; CNPq), como palestrantes e Gustavo Rocha-Peixoto (UFRJ) e Carlos Martins (IAU/USP), como debatedores. A primeira fala ficou a cargo do professor Luciano Mendes, seguida pela da professora Heloísa Helena e, ao final, entrevistaram os professores Carlos Martins e Gustavo Rocha-Peixoto.

O professor Luciano Mendes dividiu sua exposição em duas partes: o lugar da inovação nas ciências sociais, e o lugar das ciências sociais nas políticas públicas de ciência e tecnologia. Iniciou alertando para o fato da temática - a busca por inovação - ser marcante nos discursos, mas não tão evidente nas políticas públicas. Sugeriu uma interpretação na qual não era possível falar de inovação em ciências sociais, na medida em que o termo, segundo Mendes, foi cooptado e subjugado ao capital industrial e suas relações com a tecnologia. Como consequência mais direta, há a distribuição desigual de recursos pelas agências de fomento e a concentração em determinadas áreas. Para o pesquisador, três aspectos são fundamentais para explicar este cenário:

- a não mobilização da comunidade científica brasileira para a discussão de locação de recursos;
- o fato das práticas das ciências sociais não serem afeitas à inovação, ao menos do modo como é oficialmente entendida (usou a diferença entre *papers* x patentes para exemplificar esse argumento);
- o pouco apreço às tecnologias sociais alternativas quando se considera os financiamentos públicos.

Na segunda parte de sua exposição, Luciano Mendes passou a tratar do lugar da inovação nas ciências sociais a partir da problemática na qual identifica que a pós-graduação no Brasil surge antes da consolidação da pesquisa como prática, ao contrário do que ocorreu no velho mundo, onde a pesquisa já existente foi apenas sistematizada e subsidiada financeiramente pelos programas, cursos e institutos de pós-graduação. A partir deste panorama, Luciano Mendes

elaborou um diagnóstico que pode ser simplificado em dois pontos: (1) a pesquisa é submetida à pós-graduação e os pesquisadores a certas regras que nada tem de disciplinares, e sim disciplinadoras; (2) ausência de institutos de pesquisas privados.

Como saída para esta conjuntura, propôs a reflexão sobre alguns pontos:

- é impossível pensar as políticas públicas de inovação sem as ciências sociais, ou dito de outro modo, não há inovação fora da cultura;
- o cientista social como mediador entre a tecnologia e a sociedade;
- a inovação a partir de uma dimensão mais ampla, no âmbito da cultura;
- relações entre tradição e inovação.

Concluiu deixando alguns desafios:

- necessária revisão dos modos de consagração acadêmicas que ao serem engessados obstaculizam a inovação;
- como incorporar a inovação social às políticas públicas;
- comunicação com a população a partir da pesquisa;
- diálogos com os movimentos sociais;
- relação com os conhecimentos e modos de conhecer tradicionais.

A seguinte intervenção foi feita pela professora e pesquisadora Heloísa Buarque de Holanda levando a discussão para um caso específico, a *Universidade das Quebradas*, parte central de uma trajetória pessoal/profissional que serviu, de modo a complementar, ao exemplificar algumas possibilidades aos desafios indicados por Luciano Mendes. O relato indicou, assim como na intervenção de Luciano Mendes, a rigidez do ambiente da pós-graduação, o que teria levado Heloísa Buarque a encontrar fora da pós-graduação a possibilidade de inovação.

A experiência vivida no testemunho da pesquisadora sobre a Universidade das Quebradas, indicou, partindo da defesa do intelectual como protagonista de transformações sociais profundas e do seu interesse pela cultura da periferia entendida como um exercício de traduzibilidade cultural, uma série de convergências com os desafios antepostos por Luciano Mendes. Defendeu o que chamou de *utopia pragmática* determinada pelo papel mediador do intelectual capaz de ver diversidade no lugar de diferenças evitando assim a afirmação das desigualdades. Heloísa Buarque conclui que, na atual conjuntura urbana e política, o intelectual passa a ser um “ativista poliglota” em constante diálogo com os diferentes atores e territórios determinante para o equilíbrio sistêmicos entre os diversos saberes, ou ainda a inclusão de todos os saberes em equilíbrio, uma ecologia (equilíbrio) e urbanismo dos saberes (territórios).

Intervieram em seguida os professores Carlos Martins e Gustavo Rocha Peixoto. Martins chamou a atenção para o necessário trânsito entre as duas “escalas de leitura” presentes nas exposições de Luciano Mendes e Heloísa Buarque de Holanda:

- uma mais abrangente e generalizável sobre o lugar das ciências sócias nas políticas públicas de ciência e tecnologia;
- outra mais específico, da Universidade das Quebradas, como exemplo inovador dentro das ciências sociais.

Concluiu com a afirmação de que se falhamos - no âmbito das tecnologias sociais - pela afirmação da inovação como transmissão do conhecimento para as indústrias - ainda resta a possibilidade das políticas públicas. E neste ponto redirecionou o debate para a cidade como sendo o objeto mais interdisciplinar possível.

Gustavo Rocha-Peixoto destacou que durante as apresentações emergiram uma série de antagonismos que foram sintetizados como sendo entre continuidade *versus* inovação ou inovação *versus* regulação. E após alertar para a necessidade de “antinomias necessárias” reivindicou o papel da criatividade, motor da inovação, como operação intelectual a partir da tradição.

O professor Luciano Mendes pediu a palavra para dizer que a experiência relatada por Heloísa Buarque ajuda a reconsiderarmos nosso trabalho como professores e pesquisadores. Reafirmou que a comunicação da pesquisa, no sentido de divulgação, continua muito frágil. Em tom de autocrítica lembrou da ausência de pesquisas sobre o ensino na Universidade (aquilo que, segundo Mendes, nós revela). O que denota a dificuldade de enfrentarmos "a nós mesmos". Para o pesquisador, não cultivamos o que pregamos, mantemos nossos privilégios. Concluiu referindo-se a Santo Agostinho "nós gostamos do que a verdade nos revela, mas não gostamos que a verdade nos revele".

Heloísa Buarque de Holanda retomou a palavra para lembrar que a *extensão universitária* tem um potencial extraordinário. Segundo a pesquisadora, a extensão deve ser entendida como lugar sensível e explicou que a criação da Universidade das Quebradas é um extensão às avessas.

Dado ao avanço do horário o professor Gustavo Rocha-Peixoto encerrou a mesa.